

## O Complexo de Édipo e a Sociedade

Um acontecimento de tal envergadura como a eliminação do pai primitivo pelos filhos em associação, seguramente haverá deixado um registro perene na história do homem. Vários “substitutivos” devem ter sua origem na “Situação Totêmica”, como vimos anteriormente.

Se imaginarmos o próprio crescimento da civilização humana, poderemos supor que alguns fatores foram decisivos para a diferenciação do homem. Assim, é sabido que o telencéfalo desenvolvido com o correr dos anos, juntamente com o polegar opositor formaram a dupla que colocou o animal humano em vantagem inalcançável frente à outras espécies, pois a inteligência se somou à uma especialização manual imprescindível para dar forma aos conteúdos de um psiquismo pensante e criativo. De posse disso, lá foi o homem à “domesticar” a natureza, adaptando-a, dentro do possível, às suas necessidades e possibilidades de ganho. Juntamente com este controle das forças da natureza, aconteceu o controle dos impulsos. Esse controle dos impulsos mantém-se, em essência, até hoje. Em parte, os impulsos são reprimidos, e ficam nos subterrâneos da consciência, mas não ficam lá como mortos ou paralisados. A outra parte dos impulsos sofrerá sublimação, que consiste na arte de tornar socialmente aceitável algo que não é aceitável para o próprio ser que sofreu o impulso. (A arte em si é uma forma especializada de sublimação). Quanto maior o grau de perigo que determinado impulso possa oferecer ao eu, maiores ou mais especializados deverão ser os mecanismos de controle e enfrentamento, e também mais esticado fica o elástico que separa o nosso mundo interno com o mundo externo-social, visto que estas equações ocorrem com gasto de energia.

O mundo social ajuda o homem a ordenar-se, a estabelecer para si e para os outros os conceitos e parâmetros que serão necessários para a vida gregária. Reforça, por exemplo, a normalidade como consequência estatística, antes de tudo. (Normal vem da palavra norma. E normas são regras estabelecidas por um grupo de pessoas). Desta forma, os aspectos mais primários da religião, das leis, da sociedade em si, da moral e dos costumes, da arte e das “proibições em geral” convergem simultânea e sistematicamente para o Complexo de Édipo.

Boa parte das formulações referentes ao psiquismo humano tem como constante a relação de uma pessoa com seus pais. O estudo da “mente coletiva” tem base neste posicionamento inicial. O “sentimento de culpa”, embora não transmitido por via genética, permaneceu vivo e em operação funcional por milhares de anos, mesmo que não tenha havido o conhecimento consciente. Ou seja: a culpa fez com que se iniciassem severos mecanismos para a não-repetição do ato criminoso, bem como para punições diversas.

Seguindo este raciocínio, poderemos encaminhar as questões referentes ao “tabu dos mortos”, que foi bastante estudado por Freud. O tabu dos mortos é talvez o único tabu universal, presente em todos os povos e em todos os tempos. A humanidade, ainda infantil na sua evolução, sofreu percalços após a “morte do pai”. O mistério da morte é instigante, impõe regras e ritos. Os mortos provocavam e provocam medo, e continuarão provocando. Nos primevos do homem, era costume acreditar-se que a morte em si só poderia ser causada por agressão de outro ser. Sob este prisma, a doença era encarada como um ato de vingança do espírito de um morto sobre um vivo.

Essas “culpas intrínsecas” possuem estreita relação com o conflito edípico, em muitos casos. Um exemplo muito comum é o da filha (ou filho) que perde o pai (ou a mãe) e passa a ser assombrado por “dúvidas” -no caso, pensamentos obsessivos de censura e de culpa - perguntando-se a todo momento se não foi omissa durante a doença, se foi ou não foi relapso nos cuidados, se havia “algo mais” a ser feito ou outro pensamento correlato que denote a culpa.

Como exemplo atual de sucedâneo que simula o ato de incorporar o pai morto, podemos citar a hóstia no ritual católico: “Este é o meu corpo”.